

AMORES SÁFICOS EM REVISTA: SAFO E A ILHA DE LESBOS NA *SHIMMY* (RJ, 1925-1933)¹

SAPPHIC LOVES AT A GLANCE: SAPPHO AND THE
ISLAND OF LESBOS IN *SHIMMY* MAGAZINE (RJ, 1925-
1933)

LETTICIA BATISTA RODRIGUES LEITE²

1 Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no I Congresso Online do Messalinas – Grupo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade na Antiguidade, promovido pela Universidade de São Paulo, São Paulo, em 28 de outubro de 2022.

2 Doutora em História pela Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne/ ANHIMA (Anthropologie et histoire des mondes antiques).

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar e analisar brevemente as menções à poeta Safo e/ou à sua ilha de origem, Lesbos, presentes na *Shimmy: a revista da vida moderna*, publicada no Rio de Janeiro, entre 1925 e 1933. Tendo em vista que, no âmbito da referida revista, essas menções aparecem invariavelmente associadas à temática do lesboerotismo, o objetivo é compreender a funcionalidade dessa associação, no anseio de contribuir para uma historicização desse vínculo entre a poeta e/ou de sua ilha e a temática do lesboerotismo, no Brasil. Vinculação ainda hoje recorrente, não apenas no Brasil, mas cujas manifestações mais sistemáticas em âmbito nacional parecem remontar ao início do século XX.

Palavras-chave: Safo de Lesbos, lesboerotismo, usos do passado, revista *Shimmy*.

Abstract: This article aims to present and briefly analyze the references to the poet Sappho and/or her origin island, Lesbos, made in *Shimmy: The Magazine of Modern Life*, published in Rio de Janeiro, between 1925 and 1933. Considering that, within the mentioned magazine scope, those mentions invariably appear associated with the lesboerotism subject matter, the objective is to understand the functionality of this association, longing to contribute towards a historicism of this bond between the poet and/or her island and the lesboerotism theme, in Brazil. That connection is still recurrent nowadays, not only in Brazil, but its more systematical manifestations at national level seem to date back to the early XX century.

Keywords: Sappho of Lesbos, lesboerotism, uses of the past, *Shimmy* magazine.

1 SAFO DE LESBOS NO BRASIL: DA HEROÍNA ROMÂNTICA À “RAINHA DO SAFISMO”

Em artigo recente, intitulado “De ecos, elos e laços: recepções de Safo, recepções dos clássicos” a professora, pesquisadora e tradutora Giuliana Ragusa (2022) apresenta e faz uma breve análise de exemplos que evidenciam a relevância e influência artística da poeta Safo de Lesbos (VII-VI a.C.). Exemplos esses remontam à Antiguidade e vão até o Brasil oitocentista. Entre os antigos, Ragusa destaca, entre outros, a influência das canções de Safo na própria tessitura de composições de poetas como Teócrito de Siracusa (III a.C.) e de Catulo (I a.C.), bem como sua importância como referência poética artística também para poetisas mulheres como Nossis (III a.C.) e para autores mais tardios como Dioscórides (I d.C.).

No tocante à recepção da poeta no Brasil do século XIX, por meio de uma incursão em jornais fluminenses, Ragusa destaca, num primeiro momento e a partir de, em suas próprias palavras, um “passeio ligeiro”:

[...] a força de sua imagem feminina, da figura física que era tão desconhecida dos antigos como o é dos modernos, mas que se desenha a partir tanto dos testemunhos textuais e iconográficos que de modo variado a retratam, quanto a partir da sensualidade e do erotismo de sua métrica (RAGUSA, 2022, p. 102).

Neste sentido, ela cita exemplos extraídos de periódicos como o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio Mercantil* e a *Marmota Fluminense*, em que a beleza física de famosas atrizes do período e de mulheres anônimas se fazem exaltar, até mesmo pela pluma de Machado de Assis, por intermédio de paralelo com a suposta beleza da poeta de Lesbos. Mas Ragusa aprofunda-se no assunto. Ela assinala igualmente a presença de fragmentos da poeta nas páginas da imprensa fluminense, destacando a recorrência dos bem preservados fragmentos 1 e 31, citando, entre outros, um exemplo encontrado na revista *Semana Ilustrada*.

Por fim, Ragusa chama atenção para as menções em que Safo figura como uma espécie de heroína romântica exemplar. A autora arrola, entre outros exemplos, um artigo assinado por José de Alencar, que figura no *Diário do Rio de Janeiro* de 28 de novembro de 1855. Nesse artigo, o autor faz menção à representação de *Safo*, ópera do siciliano Giovanni Pacini que estreara no Teatro de São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, no ano de 1845 e que, como assinala a pesquisadora, ali seria anualmente encenada até 1858 (RAGUSA, 2022, p. 107). Em seu texto, Alencar alude à narrativa evocada pelo libreto, assinado por Salvatore Cammarano, que a seu modo retoma o relato antigo segundo o qual Safo teria se lançado à morte do rochedo de Lêucade, em razão de sua desditosa história de amor com Fáon. O autor oitocentista, porém, prossegue. Além de elogiar Safo por seu talento

poético, isto é, por inspirar “com seu canto os nossos poetas” (RAGUSA, 2022, p. 110), Alencar não resiste e acaba propondo um paralelo entre o suposto trágico destino da poeta de Lesbos e aquele de certas mulheres que à época casavam-se por conveniência. Estas, nas palavras do autor citadas por Ragusa: “Precipitam-se [...] nos braços de um homem que não amam, precipitam-se na monótona e triste existência de um casamento malsucedido” (ALENCAR apud RAGUSA, 2022, p. 110). Condição que, do ponto de vista do autor, seria comparável ao salto mortal imputado à Safo, isto é, o casamento compulsório e infeliz equivaleria à morte.

Tal paralelo oferece uma entrada para o tema que será aqui debatido que, embora não mencionado anteriormente, há muito se encontra associado a Safo e à ilha de Lesbos, a saber: a temática do *safismo* – que, não por acaso, é como mais tarde, sobretudo por volta do final do século XIX, ficariam conhecidas as alusões ao homoerotismo feminino, em especial no âmbito da medicina e da literatura (cf. CHAPERON, 2008; MURAT, 2003). Pois, vale lembrar, se o suposto suicídio de Safo, em reação à dor causada pelo abandono de Fáon, faz efetivamente parte do conjunto de informações de caráter (pseudo)biográfico que remontam à Antiguidade, a associação da poeta e de sua ilha à temática do erotismo entre mulheres também o faz. Nesse sentido, a presença, entre tantos outros elementos, de ambos os relatos na décima quinta car-

ta das *Heroides*, do poeta latino Ovídio (I a.C.-I d.C.), é emblemática³.

Por conseguinte, vale ressaltar que, se por um lado, tal como exemplifica Alencar, a poeta de Lesbos seria por séculos rememorada como uma heroína romântica que sofre e que morre por amor, ou melhor, pela falta dele, por outro, Safo seria igual e reiteradamente rememorada como uma espécie de “rainha do safismo” (ALBERT, 2005, p. 17), em razão dos seus presumidos amores por (jovens) mulheres. Aspecto que, se não é retomado por Alencar, contudo, como é sabido, o seria por muitos e muitas plumas antes e depois dele.

Não por acaso, é bastante recorrente a evocação ao nome de Safo em títulos de trabalhos que se propuseram a investigar a temática do lesboerotismo em produções literárias publicadas entre o final do século XIV e o início do século XX, em países como França (ALBERT, 2005; DEJEAN, 1989), Inglaterra (GUBAR, 1984) e Portugal (CUROPOS, 2019). O que, por si só, já atesta a onipresença da poeta de Lesbos quando a temática em pauta são os “amores sáficos”.

Ora, são justamente narrativas nas quais Safo e/ou sua ilha encontram-se associadas à temática do lesboerotismo, publicadas no Rio de Janeiro e que, em alguma medida, circularam no Brasil no começo do século XX, que serão aqui contempladas. Pois, quando

3 Para uma análise dessa carta ver, entre outros: Boehringer (2022, p. 257-272).

se trata do Brasil, as referências pontuais à temática dos amores entre mulheres já podem ser encontradas quando nós nos voltamos para jornais de “gênero alegre”, publicados no Rio de Janeiro pelo menos desde o final dos oitocentos (SCHETTINI, 1997, p. 72, 2019); contudo, é especialmente a partir do começo do século XX, que é possível encontrar menções mais sistemáticas ao lesboerotismo, com frequência associado à figura de Safo e/ou da sua ilha. Modelo homoerótico que, a se crer em alguns comentadores da época bem como no próprio conteúdo de algumas dessas narrativas, pode inclusive ter permitido que muitas mulheres escapassem a uma vida matrimonial monótona, triste e limitada às convenções sociais e heteronormativas.

Alguns exemplos de narrativas que trazem a temática do lesboerotismo reiteradamente associada a essa faceta da recepção, dos usos da figura de Safo e de sua ilha, são encontrados na *Shimmy: a revista da vida moderna*, publicada no Rio de Janeiro entre os anos de 1925 e 1933. Periódico que é aqui tomado como objeto de estudo privilegiado.

Antes, porém, de nos debruçarmos sobre as referidas narrativas, apresentaremos brevemente a revista, bem como comentaremos a onipresença de referências associadas às sociedades antigas, sobretudo, gregas e romanas, nas páginas desse periódico. A hipótese desta investigação é que o estudo de narrativas publicadas em periódicos que, quando de sua publi-

cação, eram vendidos a preços acessíveis, facilitando sua circulação e uma relativa permeabilidade social, pode ser útil para que se compreenda como a associação de Safo e da ilha de Lesbos ao homoerotismo feminino circulou e se popularizou, também em terras brasileiras, para muito além dos espaços letrados. Associação que atravessou séculos e séculos, a ponto de hoje, para além das páginas impressas, figurar nas páginas digitais dos anos vinte do século XXI.

2 SHIMMY: A REVISTA DA VIDA MODERNA (1925-1933)

O pesquisador Jorge Leite Júnior (2006, p. 72) qualifica a *Shimmy* como “a primeira revista erótica brasileira”. Ruy Castro, por sua vez, em seu *Metrópole à beira-mar*, refere-se à *Shimmy* como uma das “revistas ‘galantes’, leia-se eróticas” do Rio moderno dos anos 1920, ao lado de outros títulos, tais como *A Maçã*, *A Banana*, *O Papagaio e Rio Nu* (CASTRO, 2019, p. 44). E se hoje essas publicações são, talvez, pouco conhecidas, Castro assevera que, contudo, elas seriam facilmente encontradas em bancas e quiosques espalhados pela capital – naquela época o Rio –, sendo “abertamente lidas nos ônibus e bondes” (CASTRO, 2019, p. 224).

Ora, ao atentarmos para os dados relativos ao número de pessoas alfabetizadas referentes ao Rio de

Janeiro, entre o final do século XIX e o início do século XX, que figuram no livro *Páginas de sensação* de Alesandra El Far, tal cenário mostra-se plausível, visto que, segundo El Far (2004, p. 71):

O percentual de pessoas alfabetizadas na capital federal subiu de 35,2 %, em 1872, para 50,8%, em 1890, e em 61,1%, em 1920. Isso significava que, diferentemente do restante do país, onde aproximadamente 80% das pessoas não sabiam ler, no Rio, a partir de 1890, mais da metade da população seria considerada leitora em potencial.

Esses dados são importantes e, quando somados ao preço de venda da *Shimmy*, permitem que possamos apostar ainda mais na sua capacidade de circulação. Durante seus oito anos de publicação, o preço da revista variou, para a capital, entre mil e 1.300 réis e, para os demais estados, entre 1.200 e 1.800 réis. Preços abaixo da média em que eram vendidos os chamados “livros populares” na virada do século XIX para o XX, cujos valores chegavam a ser anunciados entre 3 e 4 mil-réis. Montante que, ainda de acordo com El Far, tratava-se de uma quantia pequena se considerarmos que: “Um ferreiro, por exemplo, recebia, em 1888, 3\$333 por uma diária de serviço, ao passo que um trabalhador não especializado ganhava em torno de 1400 réis (1\$400)” (EL FAR, 2004, p. 85).

E qual o teor do conteúdo dessa revista semanal? As páginas da *Shimmy* traziam característica em co-

num com as páginas de outras publicações do gênero que a precederam como *Rio Nu* (1898-1916) e *Sans dessus* (1909-1910) (cf. SCHETTINI, 1997, 2019). Elas eram repletas de ousadas ilustrações, muitas delas coloridas, que acompanhavam as breves narrativas que figuravam nas páginas da revista bem como ilustravam suas inúmeras charges jocosas (Figura 1). Embora em menor quantidade, em suas páginas figuravam também reproduções de grandes fotografias, sobretudo, de atrizes estrangeiras. A esmagadora maioria dessas imagens retratava jovens mulheres de cabelos *à la garçonne* (Figura 2), seminuas (Figura 3) e até mesmo nuas. Além disso, a revista trazia em suas páginas algumas seções mais ou menos fixas, como a “Chronica” de abertura, assinada por “Lille” e “Jazz-Band”, uma seção de cartas. Nas páginas da *Shimmy* figuravam igualmente uma série de máximas (i)morais jocosas e de anúncios que iam desde a publicidade dos mais variados tipos de medicamentos, até a venda de viagens em cruzeiros e de jardim zoológico, cujo próprio anúncio serviria como desconto para a entrada. Na revista, encontramos também propagandas de outras publicações feitas pela empresa responsável pela *Shimmy* – a Numero... e, mais tarde, a Carinhas & Cia Ltda – bem como de obras impressas feitas por outras editoras, como a “Sociedade portuguesa editora”.

As breves narrativas publicadas na revista, por sua vez, eram quase, senão sempre, traduções de textos

assinados por autores estrangeiros, traduzidos para o português em uma linguagem de fácil compreensão. Seja como for, como as ilustrações da revista sugerem, boa parte das narrativas que figuravam na revista traziam mulheres como protagonistas, cuja aparência e comportamento “modernos” eram matéria por vezes de assombro e, no mais das vezes, de riso. Tais histórias giravam, em grande parte, em torno de aventuras extraconjugais que envolviam homens e mulheres de diferentes classes sociais e idades, que pareciam dispostos a tudo para satisfazerem seus desejos, escapando à monotonia reiteradamente associada ao matrimônio.

Porém, embora as mulheres que figuram nas páginas da *Shimmy* sejam representadas, tal como os homens, como dotadas do direito a se satisfazerem sexualmente e, se o quiserem, podendo até mesmo recorrer às suas semelhantes em prol da realização de tal intento, elas figuram ali, quer me parecer, colocando em cena muitas fantasias e preconceitos masculinos, como já ocorria nas páginas do *Rio Nu* e da *Sans Dessous* (SCHETTINI, 1997, p. 135-171), ainda que certo potencial transgressor dessas representações não possa ser descartado. Nesse sentido, vale lembrar que os homens são, certamente, o público-alvo e privilegiado pela revista, por quem e para quem ela é concebida, ainda que, muitas mulheres também

possam ter sido leitoras e quiçá, colaboradoras⁴, tal como sugere a seção de cartas que figura na revista, os anúncios ali contidos bem como as representações de personagens femininas leitoras nas próprias “anedotas brejeiras” ali publicadas, tal como veremos a seguir.

Em meio a esse conteúdo que dá sentido ao subtítulo de *Shimmy*, “A revista da vida moderna”, paradoxalmente, não são poucas as alusões imagéticas e textuais feitas a diversas sociedades antigas: encontramos ali menções a deusas e deuses gregos e romanos, a personagens históricas como Cleópatra, Messalina, Heliogábalo e, claro, Safo. Isso posto, examinaremos brevemente essa onipresença, como modo de chegar, por fim, às menções a Safo e à ilha de Lesbos.

4 Para uma breve reflexão crítica acerca do público leitor de publicações voltadas para homens e indícios da existência de mulheres leitoras, ver: Schettini (1997, p. 57-64, 75-76). Ver também: Mendes (2020, p. 240).

Figuras

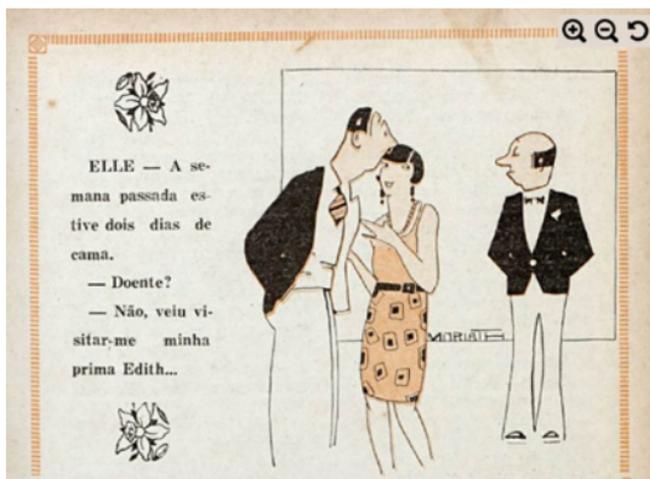


Fig. 1 – *Revista Shimmy*, n. 173, 1928

(<http://memori.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348082>)



Fig. 2 – Fotografia de Lila Lee, *Revista Shimmy*, n. 1, 1925

(<http://memori.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348082>)



Fig. 3 – Capa da Revista Shimmy, n. 101, 1927
(<http://memori.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348082>)

3 A ANTIGUIDADE COMO ONIPRESENÇA NAS “PÁGINAS DA VIDA MODERNA”

Talvez não seja exagero afirmar que, por sua abundância, as menções e alusões imagéticas e textuais a elementos que remetem às sociedades antigas, sobretudo às sociedades gregas e romanas antigas, encontradas na *Shimmy*, poderiam, por si só, constituir

matéria de estudo. Ao se buscar por “Grécia” na plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, na qual encontramos um total de 282 edições da *Shimmy*, um total de dezessete ocorrências são localizadas.

Grécia antiga esta, que aparece como uma referência espaço-temporal longínqua e distinta, escandalosamente maravilhosa em seu exotismo, como podemos vislumbrar por intermédio deste excerto que aparece em texto intitulado “Um país maravilhoso”, na edição de número 156 do ano de 1928, assinado pelo autor francês Gaston Derys (1875-1945):

Na Balcânica Menor, os devassos que não respeitam barreira alguma, no domínio do prazer, e ouvem unicamente a voz do instinto, não escandalizam ninguém, do mesmo modo que as paixões dos poetas latinos ou dos filósofos gregos, por pessoas do mesmo sexo, não eram reparadas na antiga Grécia ou na culta Roma (SHIMMY, 1928, n. 156, p. 17)⁵.

Já em outra passagem da crônica que acompanha o centésimo primeiro número da revista, publicado no ano de 1927, intitulada “História de americanos”, as evocações a figuras antigas femininas servem, por sua vez, como recursos alegóricos na elaboração de críticas ao que seria o “tipo ideal da mulher moderna” na América do Norte – tipo, aliás, que satura as páginas da *Shimmy*:

⁵ Esta e as seguintes citações da *Shimmy* tiveram a grafia atualizada.

Os últimos concursos de beleza realizados na Norte América, fizeram ao mundo uma revelação sensacional; o tipo ideal da mulher moderna não será Vênus, mas sim Diana.

Ao que parece a voluptuosa Afrodite, mãe dos amores, foi suplantada no coração dos homens... da terra dos dólares, por Ártemis, a deusa esportiva fria e insensível que foi capaz de transformar em cervo, ou, para usar uma linguagem mais chã, em veado o infeliz Acteon, só porque a vira quando se banhava. [...] Tomada Diana como a deusa da beleza e sabido que foi ela que transformou Acteon em ridículo cervo, pondo-lhe na fronte bela e alabastrina uma galhada esquisita e recurva, o americano achará razão para que as mulheres, outras tantas Dianãs [...] andem pelo mundo a enfeitar lugubrememente a testa de muita gente boa.

Vênus, que criava amores, não tinha vocação para criar galhadas (SHIMMY, 1927, n. 101, p. 1-2).

A partir dos dois exemplos supracitados, é possível entrever a importância das referências a elementos que nos remetem às culturas antigas, nas páginas da *Shimmy*. Importância que, aliás, não era uma novidade, uma vez que João Bitu, redator da *Sans Dessous*, já era enfático ao afirmar, na edição de 7 de abril de 1910, que a imoralidade valorizada na revista tratava-se de uma imoralidade que se identificava com “[...] as formas gregas e padrões clássicos de beleza” (BITU apud SCHETTINI, 1997, p. 104).

Dentro desse padrão, que remetia a uma desejada distinção de classe do público leitor ao qual a *Sans Dessous* queria se voltar, a Grécia Antiga parecia ocupar um lugar idealizado e privilegiado de referencial de elegância e refinamento, que por vezes buscava

conferir um sentido positivo a certos comportamentos e “vícios modernos” que, fora desse contexto, seriam apenas qualificados como “dissolutos” ou mesmo patológicos (SCHETTINI, 1997, p. 72). É, pois, a partir dessa perspectiva, ainda de acordo com as análises feitas por Cristiana Schettini, que podemos compreender o tratamento dado à temática do “lesbianismo”, que, segundo a pesquisadora, seria ali associado a uma prática erótica “antinatural”, porém, refinada, isto é uma “imoralidade elegante” (SCHETTINI, 1997, p. 163-171), capaz, ainda segundo o redator Ângelo Bitu, em edição de 17 de fevereiro de 1910, de “tornar as mulheres mais requintadas” (apud SCHETTINI, 1997, p. 72). Perspectiva que estava longe de ser unânime, se confrontarmos a representação dessa temática tal como ela aparece nas páginas da edição do *Rio Nu* de 6 de março de 1907, a saber, como um “vício decorrente da ausência da figura masculina superior” (apud SCHETTINI, 1997, p. 152).

Isso posto, passemos a considerar e a pensar sobre o lugar dado aos *amores sáficos* nas páginas da *Shimmy* e sobretudo à (im)pertinência de associá-los ao nome de Safo e/ou da sua ilha de origem.

4 SAFO, A ILHA DE LESBOS E A TEMÁTICA DO HOMOEROTISMO FEMININO NA *SHIMMY*

De antemão, é preciso levar em conta que, nos já mencionados 282 números da *Shimmy* que se encontram disponíveis para consulta na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, é pequeno o percentual de “novelas galantes” nas quais encontramos menções claras ou mesmo alusões à temática do homoerotismo feminino. Menor ainda, aliás, são as menções e alusões ao homoerotismo masculino. Até o momento, foram repertoriadas apenas um total de cinco narrativas em que a temática lesboerótica – para usar um termo mais atual – aparece. Porém, o ponto é que, dentre essas cinco, em nada mais nada menos que quatro *Safo* ou a *ilha de Lesbos* são mencionadas. Em duas delas encontramos uma menção a *Lesbos* e nas outras duas, uma menção à *Safo*. Dito de outro modo, isso indica que, nas páginas da *Shimmy*, quando a temática do lesboerotismo se faz presente, comumente *Safo* ou sua ilha também se fazem.

Para além dessas supracitadas menções das quais trataremos em seguida, vale ressaltar que foram localizadas outras seis menções ao nome “*Safo*”. Menções que, porém, ou não se inserem propriamente na categoria de “anedotas brejeiras”, isto é, de narrativas curtas publicadas na *Shimmy*, ou se inserem em narrativas que não trazem (ao menos não explicitamen-

te) a temática do homoerotismo. Quatro dentre elas remetem ao título do romance *Nova Safo: tragédia estranha. Romance de Patologia Sensual*, de autoria de Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes de Carvalho Lobo, o Visconde de Vila-Moura (1877-1935), romance cuja primeira edição data de 1912 e cuja venda iminente é anunciada nas páginas da revista – nas edições 323, 324, 325 e 326, do ano de 1933, isto é, o último ano da *Shimmy*. Além disso, vale notar que nesse romance a temática do homoerotismo feminino se faz presente (cf. KLOBUCKA, 2015).

As outras duas menções ao nome Safo – que perfazem oito –, por sua vez, encontram-se, a primeira, em uma narrativa intitulada “Uma tarifa comum”, assinada por Jean de Lozère – pseudônimo do francês Bernard Gervaise (1881-1960) –, publicada no número 210, do ano de 1929. Porém, infelizmente, não temos acesso à íntegra do conteúdo dessa narrativa, pois ela tem início na página 59 e as páginas seguintes estão indisponíveis. Consequentemente, essa incompletude não permite saber se a temática do homoerotismo feminino seria ou não tratada ali. A segunda menção ao nome de Safo se dá na edição de número 239, publicado no ano seguinte, isto é, em 1930. Mas ali também não há menção explícita à temática do homoerotismo. O nome de Safo é colocado na boca da dona de um prostíbulo, ao sugerir um nome de guerra, isto é, de ofício para uma moça que ela tomara por candidata a trabalhar em sua casa. Vale, porém, ressaltar,

que se não há menção explícita, é, contudo, estreita a relação entre prostituição, prostíbulos e práticas lesboeróticas em narrativas que circulavam naquela época e não apenas.

Quanto ao termo *Lesbos*, uma terceira menção a ele para além das duas supracitadas – antecedida ademais pelos vocábulos *Lesbismo* e *Safismo* –, por sua vez, também se dá em associação a uma narrativa que traz a temática lesboerótica. Porém, dessa vez, não se trata propriamente de narrativa publicada pela revista, mas sim de narrativa intitulada “Alcova de adolescentes”, supostamente enviada por um leitor da revista, que assina “Ernani”, para que seja apreciada e porventura ali publicada. O que, contudo, não se daria, para evitar, alega-se “tudo que tenha cheiro de perigo”. Esta menção é encontrada em “Jazz-Band” – seção de cartas da *Shimmy*, no número 165, de setembro de 1928. Estaria tal perigo representado pela arte que o autor demonstra na descrição da “cena de Lesbos” que seu texto ofereceria? Ao que parece, sim.

Finalmente, passamos ao comentário das quatro primeiras narrativas publicadas nas páginas da *Shimmy* já mencionadas, isto é, aquelas nas quais encontramos a ilha de Lesbos e Safo associadas à temática do lesboerotismo.

A primeira menção a *Lesbos* aparece na edição de número 18, publicada em 26 de novembro de 1925, primeiro ano da revista. Na narrativa intitulada “Tudo pela arte”, assinada por R. de Santa Anna, a

protagonista, Pilar, pintora de grande sucesso a quem só a arte interessa, é descrita como “mulher homem”, “indiferente ao amor”, fosse ele de que natureza fosse. Com efeito, a narrativa menciona tanto a sua indiferença a “belos efebos” como às carícias de uma amante em potencial, que no texto é descrita como, nada mais nada menos, uma “sacerdotisa dos altares de Lesbos” (SHIMMY, 1925, n. 18, p. 15). Mas, ao final, a personagem, que é também referida como “invertida” e “amadora de mulheres” por um oficial francês a quem ela desdenhara (SHIMMY, 1925, n. 18, p. 16), acaba por, de certa forma, redimir-se, caindo nos braços de um belo modelo – comparado a Apolo – e, antes, do pintor catalão que lhe cedera o referido modelo, pois essa fora a condição por ele imposta para lhe fazer esse favor.

Páginas depois, nesse mesmo número e ano encontramos a primeira menção a Safo, em narrativa intitulada “O substituto do amor”, assinada por Manoel Tovar – que parece remeter ao caricaturista espanhol Manoel Tovar Siles (1875-1935). A protagonista, Consuelo Ledesma, é uma esposa de boa família, que tem por volta de 40 anos e é casada com um rico comerciante, chamado Julio Garcia, apresentado como “homem frio e sem grande convívio com sua mulher” (SHIMMY, 1925, n. 18, p. 31). O casal recebia anualmente a visita de uma sobrinha chamada Mariazinha.

Incitada pela leitura de *La Garçonne* (1922)⁶, do escritor francês Victor Margueritte (1866-1942) ou, *A emancipada: La garçonne* – como será mais tarde intitulada a tradução brasileira do romance feita por Oswald Beresford (CASTRO, 2019, p. 232) –, Consuelo vislumbra em Mariazinha o “substituto do amor”. O que ilustra ou talvez ateste o temor, corrente à época, de que a prática da leitura por parte das mulheres devesse, com razão, ser colocada sob suspeição, sobretudo se o objeto de leitura fosse uma narrativa considerada imprópria, porque perigosa, para elas. Nesse sentido, um dos seus efeitos mais temidos era de que elas se tornassem adeptas do “culto” de Safo – para fazer eco ao comentário do jurista Francisco Viveiros de Castro, feito no âmbito de sua obra intitulada *Atentados ao pudor: estudo sobre as aberrações do instinto sexual* (1895). Obra na qual o autor alerta para o consumo de pornografia via conteúdos literários “modernos” como um dos fatores decisivos para o desenvolvimento de “aberrações” tais como as práticas lesboeróticas (CASTRO, 1934, p. 12 apud CARDOSO, 2019, p. 71).

6 *La Garçonne* trata-se de um romance que traz como protagonista a jovem Monique Lerbier, que com seus cabelos curtos e cigarro na boca, protagoniza cenas de encontros sexuais os mais variados, as quais, de acordo com a pesquisadora Alessandra El Far (2004, p. 291), geraram nada mais nada menos do que a expulsão do seu autor da Academia Francesa. Romance que fez tanto sucesso no Brasil, que ainda de acordo com a autora, inspirou uma espécie de versão brasileira do mesmo: *Mademoiselle Cinema* (1923), de autoria do jornalista e escritor Benjamim Costallat (1897-1961).

Será, pois, em meio a uma explícita e ousada cena de sedução, da tia em relação à sua sobrinha, que encontramos a evocação do nome da poeta de Lesbos, quando o narrador nos diz: “Se Mariazinha não fosse tão ingênua, teria interpretado logo o procedimento de sua tia como um convite ao prazer de Safo.” (SHIMMY, 1925, n. 18, p. 32). Presume-se, assim que, o “prazer de Safo” referir-se-ia a uma modalidade de prazer específica, que deveria ser compreendida por todas as leitoras e leitores potenciais do texto: aquele advindo da relação erótica entre duas mulheres.

Na edição de número 101, publicada em 30 de junho de 1927, em narrativa intitulada “Uma ingênua”, assinada do E. G. Gluck – autor francês de narrativas populares como *Les Maîtres du roman populaire*⁷ publicadas no começo do século XX –, encontramos novamente a “divinal Safo” evocada para caracterizar uma personagem chamada Olga. Na história narrada em primeira pessoa, o narrador nos conta sobre o seu primeiro encontro com ela, Olga, que ele descreve como moça “loura deliciosa”, “de olhos cândidos” (SHIMMY, 1927, n. 101, p. 11), que lia “com vivíssimo interesse os contos de uma revista galante” (SHIMMY, 1927, n. 101, p. 11). Para se aproximar dela, ele, então, mente, dizendo ser um colaborador da referida revista da qual ele nos diz ser um mero leitor. A moça,

7 Os títulos dessa coleção encontram-se disponíveis no site da biblioteca virtual da Universidade Clermont Auvergne. Disponível em: <https://bibliotheque-virtuelle.bu.uca.fr/collections/show/12>. Acesso em: 5 set. 2023.

porém, não hesita em começar uma conversa com o narrador, mas de pronto declara seu “pouquíssimo interesse pelo sexo chamado forte”. Ela, na verdade, sentia-se atraída pelas mulheres “de todas as classes”, lastimando “não ter vindo ao mundo no tempo da divinal Safo” (SHIMMY, n. 101, 1927, p. 11). Apesar disso, eles se tornam amantes, tendo em vista que Olga pensara que um homem pudesse vir a ser útil, dado que a moça encontrava dificuldades nas ocasiões em que tinha que ir a uma pensão alugar um aposento para uma tarde em que desejava “oferecer um chá para alguma amiga” (SHIMMY, 1927, n. 101, p. 11). Por isso, ela sonhava em ter um amante que alugasse uma *garçonnière* e que fosse suficientemente inteligente para não a incomodar quando preciso, além de, mais tarde, como veremos, ser útil para servir de amante à própria mãe dela, poupando-lhe de uma preocupação: que a mãe cedesse ao primo gigolô que estava de olho na sua fortuna. Senso prático que encanta e perturba o narrador, que cede a todos os desejos de Olga.

Finalmente, *Lesbos* é novamente evocada em narrativa presente na edição de número 173, publicada em 15 de novembro de 1928, intitulada “A amiga íntima”, assinada por André Mycho – pseudônimo de Andrea Filippo Marsilio Desboutin, autor dramático de origem florentina. A história, narrada em terceira pessoa, é rocambolesca. Ela principia com uma significativa menção a uma peça de teatro a qual o

narrador informa não ter assistido, intitulada “A prisioneira”, mas que, segundo ele, tratava “de uma mulher jovem ‘prisioneira’ de uma paixão louca que ela experimenta por pessoa de sexo semelhante ao seu” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 42). Ele prossegue, contando que, o público que assistira à peça, a aplaudira com veemência, e questiona: “teria acontecido o mesmo se se tratasse de um ‘prisioneiro’?” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 42). Ele conclui que não, e acrescenta justificando a razão de tal diferença:

as mulheres conservam, pelo menos aos olhos dos homens, um encanto que lhes torna perdoáveis os piores desvios de conduta. Por esse mesmo motivo um marido (ou um amante) sofrerá menos por se saber “enganado” com uma mulher que com um homem (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 42).

Feito esse preâmbulo, o narrador começa a nos contar a “aventura” de Bernardo Castagnel e de sua esposa Hermínia, descrita como dotada de “um apetite exagerado para se contentar com o simples e honesto prato matrimonial” e, por isso, Hermínia andaria a procura de um “suplente do marido” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 42). O marido, por sua vez, estaria ciente desse perigo. Certa vez, então, por ocasião de um jantar oferecido pelo casal, surge um debate em torno da referida peça “A prisioneira”. O ameaçado marido aproveita-se então do acaso, para declarar que “ele jamais consideraria uma mulher como uma rival sé-

ria e que não se sentiria ciumento por isso” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 43). Na mesma noite, Hermínia retoma o “assunto escabroso” e o marido reitera sua posição, pois, nota o narrador, diante da “iminência do perigo”, Bernardo prefere ter como rival uma mulher, já que considera que “Uma amiga lhe traria a mudança, a ‘ração suplementar’ [...]. Ademais, as “carícias femininas” seriam por ele consideradas como demasiado “superficiais” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 43).

Porém, o narrador logo em seguida nos assegura: “Hermínia não tinha inclinação nenhuma para isso que Prudhomme chama ‘as sacerdotisas de Lesbos” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 43). E a história segue assim: Hermínia bola o estratagema de travestir em Germana um jovem e belo rapaz, Alfredo. E, embora ao apresentá-la ao marido, este lhe ache “um ar másculo como o das invertidas”, atribuindo-lhe características que revelavam “uma mulher francamente inclinada para a virilidade”, Bernardo pensa intimamente que ela é “um pequenão”. O marido segue constantemente perturbado pelas “cenas da Grécia antiga” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 44), e acaba por sucumbir e apaixonar-se por Germana. Sendo assim, um belo dia, depois de tentar se aproximar de Germana por intermédio de uma “corte discreta”, que a perturba, ele tenta, então, “possuí-la a muque” (SHIMMY, 1928, n. 173, p. 44), acabando por descobrir o estratagema da mulher. Mas é Hermínia que faz uma tal cena de ciúme ao marido, que este termina pedindo-lhe perdão!

Feita esse apanhado e ligeira apresentação dos contos, parece evidente que a temática do lesboerotismo aparece como uma configuração bastante complexa, pois ela figura ora como uma válvula de escape, um “substituto do amor” masculino – tal como já aparecera nas páginas do *Rio Nu* – a princípio menos ameaçadora à instituição do matrimônio, tendo em vista que suas carícias são pensadas como “superficiais”; ora como uma predileção, podendo ser representada como algo que incita a fantasia masculina, como algo perturbador. Mas é preciso igualmente não perder de vista, como dão a entender os termos insultuosos que figuram igualmente nessas narrativas, que essa prática erótica é percebida como uma patologia, um desvio sexual e social, que fazendo de mulheres “mulheres homens”, tem o potencial de inverter o regime de gênero vigente. Evocar *Safo* e a *ilha de Lesbos* talvez se façam úteis, nesses diferentes contextos, por vincular o *safismo* a uma prática antiga e exótica que, ainda que tolerada dentro de certos limites, não é, portanto, normal e natural, parte da ordem social vigente, mas sim uma excentricidade moderna que reatualizaria um hábito de um passado remoto, reverberando certos aspectos característicos da antiguidade grega tida como “berço da civilização ocidental”. Na *Shimmy*, porém, diferentemente do que fora o caso na *Sans dessous*, tal hábito parece figurar não apenas como um vício pretensamente elegante, ali figurando

de forma um pouco menos restrita e talvez mais propagada na sociedade como um todo.

5 AMORES SÁFICOS, AMORES DE SAFO?

Ora, é sabido que os dados de ordem biográfica relativos a Safo, como ademais a praticamente toda e qualquer figura histórica que remonta à Antiguidade, são tão escassos quanto controversos, como o são os horizontes interpretativos relativos ao homoerotismo feminino, que se faz presente em alguns dos fragmentos de cantos da poeta que nos chegaram. Tal estado de coisas impossibilita afirmações categóricas, seja quanto às atividades atreladas à atuação de Safo como poeta, seja quanto à sua vida e práticas eróticas. Contudo, ou até talvez por isso mesmo, esse vazio, somado ao renome da poeta que atravessa mais de vinte séculos, deu espaço a uma interminável construção de ficções em torno de sua pessoa histórica e de sua ilha, Lesbos. Dentre essas ficções, a sua associação à temática do lesboerotismo é, provavelmente, uma das mais contestadas e persistentes. Seja como for, trata-se da associação que mais nos interessa aqui. E, em parte, por se tratar, no presente, de uma pauta política que implica debates que se fazem urgentes, e não só no Brasil.

Assim, se é verdade que Safo de Lesbos não era *lésbica* ou *sapatão*, isso implica também desistir de

lê-la, ainda que implicitamente, como *hetero* ou *bissexual*, ainda que se admita que ela fora casada e mãe. Pois, deve-se ter em vista que a lesbianidade como orientação sexual e/ou política, ou qualquer outra *orientação sexual*, definitivamente, não fazem sentido quando tratamos das sociedades gregas antigas, isto é, não são ali operacionais. O que tem sido mostrado por vários estudos a esse respeito (BOEHRINGER, 2016).

Feitas essas ressalvas, é possível, no entanto, e creio que legítimo, tentar compreender como e por que essas ficções em torno da *sexualidade* ou *homossexualidade* de Safo foram criadas e recriadas, tendo em vista que, em que se pesem as controvérsias, esses usos do passado fazem parte do horizonte dos estudos de recepção relativos à poeta, seus fragmentos e a sociedade na qual ela viveu. As reflexões aqui apresentadas têm, pois, a pretensão de contribuir nesse sentido.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Nicole. *Saphisme et décadence dans Paris fin-de-siècle*. Paris: La Martinière, 2005.

BOEHRINGER, Sandra. A sexualidade tem um passado?: do éros grego à sexualidade contemporânea: questionamentos modernos ao mundo antigo. *Revista Bagoas: estudos gays: gênero e sexualidade*, Natal, v. 10, n. 15, p. 13-32, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/10538>. Acesso em: 14 set. 2022.

BOEHRINGER, Sandra. *Homossexualidade feminina na Antiguidade grega e romana*. Tradução de Iraci Poleti. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.

CARDOSO, Erika Natasha. “E como não ser pornográfico?": usos, sentidos e diálogos transnacionais em torno da pornografia no Brasil (1880-1924). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/tesesonline.php>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 1920*. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

CHAPERON, Sylvie. *La Médecine du sexe et les femmes*. Anthologie des perversions féminines au XIX siècle. Paris: La Musardine, 2008.

CUROPOS, Fernando. Safo fim de século: lesboerotismo na poesia finissecular portuguesa. In: VILELA, Ana Luísa; SILVA, Fabio Mario da; DAL FARRA, Maria Lúcia (org.). *O feminino e o moderno*. Lisboa: Clepul, 2017. p. 145-155.

DEJEAN, Joan. *Fictions of Sappho, 1546-1937*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro, 1870-1924*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUBAR, Susan. Sapphistries. *Signs*, Chicago, v. 10, n. 1, p. 43-62, Autumn 1984.

KLOBUCKA, Anna M. Nova Sappho and Her Kin: Decadence and the Politics of Gender in Portuguese Modernism. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION OF BRITISH AND IRISH LUSITANISTS, 6., 7-8 Sept. 2015, Exeter. *Proceedings* [...]. Exeter: ABIL, 2015.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

MENDES, Leonardo. Biblioteca Galante: A Gazeta de Notícias e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 239-258, 2020. DOI: 10.25160/bjbs.v9i1.120216. Disponível

vel em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/120216>.

Acesso em: 26 fev. 2023.

MURAT, Laure. "Saphisme". In: ERIBON, Didier (ed.). *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*. Paris: Larousse, 2003. p. 418-419.

RAGUSA, Giuliana. De ecos, elos e laços: recepções de Safo, recepções dos clássicos. In: ABREU, Fernanda; OLIVEIRA, Gabriela; QUEVEDO, Rafael. *A poesia na ágora*. São Luís: EDUFMA, 2022. p. 82-116.

SCHETTINI, Cristiana. *Clichês baratos: sexo e humor na imprensa ilustrada carioca do início do século XX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

SCHETTINI, Cristiana. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898 - 1916)*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1997.114916>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SHIMMY: revista moderna. Rio de Janeiro, RJ: [s. n.], 1925. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Revista-Shimmy/348082>; <http://memori.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348082>. Acesso em: 11 out. 2022.